

## **Enfrentando Desafios: uma Aproximação Ontológica à Teoria das Representações Sociais.**

PEDRINHO GUARESCHI

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### **RESUMEN**

Como inspiração para essa comunicação retomo um comentário de Serge Moscovici em seu trabalho de 1972, na Conferência “The Context of Social Psychology”, ao qual deu o título de “Sociedade e teoria em Psicologia Social”. Nele, o autor tenta deslindar um complexo emaranhado de teorias que deram origem a centenas de experimentos de todo tipo, que se propunham a apresentar luzes no avanço dos estudos em Psicologia Social. O que procurei mostrar foi que existem certamente muitos desafios que devem ser enfrentados quando lidamos com representações sociais. E alguns têm a ver com a ontologia das próprias representações. Creio ter conseguido ao menos identificá-los. Os questionamentos foram dirigidos primeiramente à ontologia das representações sociais: o que significa dizer que as representações sociais são um fenômeno, um ambiente social e cultural? E em segundo lugar, perguntou-se: qual a relação das representações sociais com as diferentes práticas, tanto comunicativas como comportamentais, que podem apresentar oportunidades para inovação e mudança? Concluo que as representações sociais não podem ser reduzidas a um conceito; elas são fenômenos, elas são ambientes sociais e culturais. Elas não podem também ser reduzidas a puras palavras, sons ociosos e vazios; elas são realidades concretas, elas são práticas, são “palavrações”.

É sempre sugestivo prestar atenção ao título que se escolhe para determinados congressos, ou simpósios dentro desses congressos, pois sua escolha em geral deixa entrever as inquietações de pessoas que devem ter refletido e se debruçado sobre as diferentes razões de tal escolha. Esses títulos vão revelar alguns sinais dos tempos em que vivemos. No presente caso, o título que deram foi: “Enfrentando os Desafios”. Ainda é um tema bem geral, mas já nos faz suspeitar que devam existir desafios, que poderão ser externos à temática, internos a ela ou mesmo de ambos os modos. Na contribuição que pretendo dar a essa solicitação, vou me ater a algo que chamaria de *desafios internos* à temática das Representações Sociais (a partir daqui RS).

Como inspiração para essa comunicação retomo um comentário do pensador Serge Moscovici em seu trabalho de 1972, na Conferência “*The Context of Social Psychology*”, ao qual deu o título de “Sociedade e teoria em Psicologia Social”. Nele, o autor tenta deslindar complexo emaranhado de teorias que deram origem a centenas de experimentos de todo tipo, que se propunham a apresentar luzes no avanço dos estudos em Psicologia Social. Um dos pontos em que ele insiste é que não é suficiente avançar em extensão, se não se progride em profundidade. E diz de maneira mais precisa:

[...] poderíamos até aventurar dar a sugestão de que é tempo de parar com a coleta de informações, pois (cita Poincaré) um acúmulo de fatos não constitui uma ciência, assim como um monte de pedras não se torna uma casa... Se nós decidíssemos abandonar, por um tempo, a coleta de novos dados, nós poderíamos vê-los em perspectiva e refletir no que foi conseguido; poderíamos, então, definir melhor a natureza das questões que nós nos formulamos, o objetivo de nossa busca e o sentido de nossos achados (Moscovici, 2003, p. 145).

Minha percepção é de que estamos numa situação análoga, agora para o campo das RS. Temos pesquisas pululando em todo canto, mas parece-nos faltar um fio condutor, uma luz teórica mais nítida e aprofundada que possa, por um lado, dar sentido e interligar esse enorme acúmulo de investigações, e, por outro lado, esclarecer onde se concentram, de fato, as questões mais pertinentes ao campo das RS. O que arriscaria, então, instigado pelo termo *desafios*, é propor a necessidade de um mergulho mais corajoso, indo à busca de águas mais profundas, que nos dessedentem e tragam novos sentidos e nova energia a nosso empenho na compreensão desse campo de reflexão e investigação.

Não tenho dúvidas que a temática das RS é extremamente iluminadora, mas ela poderia, creio eu, ser mais fecunda. Talvez não tenhamos explorado ainda suficientemente seu poder inovador e criativo. À medida que algumas questões, sobre as quais pretendo aqui discutir, forem levadas em consideração, poderão, ainda em minha percepção, nos levar à frente, em busca de novos patamares que todos(as) estamos procurando.

Uma das novidades, creio eu, dessa comunicação é que vou me ater também a outros escritos de Moscovici que, em geral, não são levados em conta ao se discutir as RS, especificamente os livros *A Invenção da Sociedade* (Moscovici, 2011b) e *Psicologia Social das Minorias Ativas* (Moscovici, 2011a) - esse último escrito inicialmente em inglês sob o título *Social Influence and Social Change, 1976* e em francês em 1979, intitulado *Psychologie des Minorités Actives*. Além de nos ajudar a perceber a importância das RS no campo da Psicologia Social, as reflexões de Moscovici, feitas nessas duas publicações, podem contribuir também ao esforço em responder aos desafios atuais.

Logo de início, gostaria de deixar bem claro meu *principal objetivo* com o texto: esta é uma discussão ontológica e intento trazer à cena outras dimensões que deveriam ser levadas em consideração quando nos adentramos no campo das RS. Todas as demais discussões, principalmente as epistemológicas e metodológicas – como conhecemos e como é possível investigar as RS – dependem de o que elas realmente são e como elas se manifestam no mundo.

Meu ponto de partida é uma afirmação de Moscovici (2012, p. 39) que “é a especificidade das RS - substância simbólica – e sua criatividade – a prática que produz tal substância – que as diferenciam das noções sociológicas e psicológicas com as quais são comparadas e dos fenômenos que lhes correspondem”. Vou me ater, pois, a esses dois pontos centrais: a) RS como *substância simbólica*, mostrando que elas não são um conceito, mas um fenômeno, um ambiente; e b) a sua *prática criativa* que as produz, onde discuto a comunicação e a inovação.

## **SUBSTÂNCIA SIMBÓLICA: RS COMO *FENÔMENO* E COMO *AMBIENTE***

Nessa primeira parte vou procurar mergulhar um pouco na análise da proposição que diz serem as RS um *fenômeno*. Interessante o termo *fenômeno*. Dele se originaram inúmeras discussões, e a filosofia moderna se concentrou, de modo especial, ao redor desse termo-realidade, a ponto de se

instituir até mesmo toda uma perspectiva teórica e metodológica a partir dele, a *fenomenologia*. Kant procurou distinguir entre o *fainomenon* (o que se poderia observar), e o *noumenon*, o que não poderia ser atingido. Mas essa distinção de Kant não prevaleceu como hegemônica. Outros pensaram essa relação na dimensão do que muitos analistas chamam de *mistério*, a investigação contínua que nos leva ao entendimento sempre mais aprofundado de algo que, analogamente, seria o que denominamos hoje *fenômeno*, isto é, uma *manifestação*, um sinal que nos leva sempre mais adiante, uma espécie de *horizonte*: ao pensarmos tê-lo atingido, ele se apresenta sob novos ângulos e novas compreensões.

Que significa, então, dizermos que as RS são um fenômeno? Ao menos duas considerações podem ser feitas a partir daí. A primeira é de que as manifestações são *realidades concretas*, mas não necessariamente palpáveis, medidas e pesadas. Mas são realidades, *manifestações*. O ponto de partida da jornada intelectual de Moscovici foi a insistência no reconhecimento da existência de RS como uma forma característica de conhecimento em nossa era, ou como ele o coloca: “Assim o que eu me proponho fazer é considerar como um *fenômeno* o que antes era visto como um conceito” (2000, p.30). Não damos conta – e nem sei se é possível dar – de “domesticar” essas “entidades quase tangíveis” que circulam, se cruzam e se cristalizam no universo cotidiano. Sua especificidade (substância simbólica) e sua criatividade (a prática que produz tal substância) as diferenciam de qualquer outra noção sociológica ou psicológica, ou de conceitos que costumam ser a elas relacionados. O desafio então se reapresenta: como recolocar os problemas e os conceitos a partir desse *fenômeno*.

Esta não é certamente uma tarefa fácil. Estamos todos conscientes das longas discussões de autores que, de maneiras diversas, estão ligados, por exemplo, ao construcionismo social. Há muitas vezes uma falta de compreensão sobre o que sejam, de fato, as RS. Como bem coloca de Rosa (2006, p.166), a tese sócio-construcionista se centra “na linguagem como uma forma de ação social e uma pré-condição para o pensamento (e não vice-versa como no entendimento da linguagem como expressão do pensamento). ... a discussão surge de uma “*leitura mentalista*” do construto das RS, que pressupõe serem as Representações Sociais representações cognitivas” (ênfase no texto).

Gostaria de ir um pouco adiante e perguntar: podemos, na verdade, separar a linguagem do pensamento? Tomando o artigo de Moscovici de 1984 como um todo, cujo título é precisamente *O Fenômeno das RS*, constatamos que ele divide todo o capítulo em sete partes. Os

dois primeiros itens podem ser vistos como considerações sobre o *fenômeno*; o terceiro e o quarto, uma discussão sobre a teoria (*tornando familiar o não-familiar, ancoragem e objetificação*); e o quinto e sétimo, podem ser entendidos como uma espécie de reflexão metateórica, onde ele procura distinguir a teoria das RS de outras teorias (o sexto item traz algumas pesquisas feitas no campo das RS). Esta visão conjunta ajuda a examinar a maneira pela qual ele procura se referir ao *fenômeno*. Ele discute dois pontos: o primeiro ele o intitula “Pensar considerado como um ambiente”, e o segundo: “O que é uma sociedade pensante?” Pode-se até imaginar a dificuldade que ele estava enfrentando ao tentar deixar clara qual seria possivelmente sua intenção. Em ambos os títulos o termo “pensar” está presente: no primeiro como um substantivo; no segundo, como um adjetivo. Tem-se a impressão que não estando satisfeito em separar “*pensamento*” da “realidade”, ele imediatamente acrescenta: mas existe também uma *sociedade pensante*. Igualmente *pensar* não é entendido como algo cognitivo, mental; por isso ele acrescenta de imediato: *pensar* como um ambiente (algo concreto). Essa discussão ilustra a tentativa de Moscovici de se aproximar da *ontologia* das RS ao compará-las a um *fenômeno*. E é também a esta altura que ele, pela primeira e única vez, tenta oferecer uma noção provisória do que poderiam ser as RS (2000, p. 30-33).

A segunda consideração tem a ver com a maneira como se manifesta esse *fenômeno*. Nas palavras do autor, “podemos afirmar que essas representações são entidades sociais, com vida própria, comunicando-se entre elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia com o curso da vida” (Moscovici, 2003, p. 38). Elas desaparecem, para surgir novamente sob novas aparências. Elas podem coexistir, circulam em várias esferas da sociedade, são hierarquizadas. Esses fenômenos “aparecem, pois, para nós, quase como que objetos materiais, pois eles são o produto de nossas ações e comunicações... possuem uma atividade profissional” (Moscovici, 2003, p. 40).

Na Terceira Parte do livro “A Invenção da Sociedade” (Moscovici, 2011b), ao discutir a obra de Simmel, Moscovici traz algumas iluminações que nos ajudam a avançar nessa reflexão. Na análise da discussão feita por Simmel sobre o dinheiro, a qual Moscovici retoma em diversos de seus escritos, ele mostra como o dinheiro se apresenta como uma RS. O autor aproveita para exemplificar essa análise da RS do dinheiro com os diversos processos por ele criados quando discute a constituição da teoria. Ao analisar o processo de objetivação, por exemplo, afirma citando inicialmente Meyerson (Moscovici, 2011b, p. 415): “Os estados mentais não

permanecem estado, eles se projetam, tomam forma, tendem a se consolidar, a se tornar objetos”. E prossegue:

Isso significa dotar de um caráter material nossas abstrações e imagens, metamorfosear as palavras em coisas, dar um corpo a cada pensamento. Concebidas primeiramente pela inteligência, uma noção ou uma qualidade abstrata acabam por parecer físicas e visíveis. O verbo se faz carne: a cada instante colocamos essa parábola em ação, acreditando que a uma palavra deva corresponder uma realidade (Moscovici, 2011b, p. 415).

Ao discutir Weber e Simmel, Moscovici (2011b) compara as RS com a noção de *carisma*, algo que se apresenta como vago e impreciso, mas que quando encarnado em pessoas exerce uma influência real, como Gandhi, “que subjuga, com sua silhueta, uma maré humana, ou no gesto do Papa João Paulo II abençoando multidões” (Moscovici, 2011b, p. 415). O termo “carisma” é percebido como uma qualidade física, estatura, timbre de voz. Esse um *fenômeno*, algo real, mas praticamente impossível de ser agarrado; uma manifestação, mas intangível.

A comparação das RS com outros conceitos, muitas vezes a elas relacionados, pode ser útil para avançar na sua compreensão e na identificação de sua realidade específica. No texto em que Marková procura aprofundar e saber de Moscovici algumas especificidades da teoria das RS há uma ilustração disso no que diz respeito à diferença entre RS e o conceito de atitude:

Nossas representações são também instituições que nós partilhamos e que existem antes de nós termos nascido dentro delas; nós formamos novas representações a partir das anteriores. As atitudes não expressam conhecimento como tal, mas uma relação de certeza e incerteza, crença ou descrença, em relação a esse conhecimento. Pode-se falar também sobre uma atitude em relação a um objeto, uma pessoa, um grupo e assim por diante. Contudo, no que diz respeito a *entidades sociais*, essas (as RS) são as entidades representadas (Moscovici, 2003, p.319).

A ênfase é nossa. Em outras palavras, temos uma atitude com respeito a alguma coisa. A RS é essa coisa. A RS é uma *substância*. Existe e subsiste. Ela é ambiente, ambiência.

As RS vão além de uma classe geral de ideias e crenças, como são as religiões, os mitos e a ciência. Elas são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade, como o senso comum (2003, p.49). Elas são substâncias simbólicas que constituem o tecido social. Vários pensadores

tentaram identificá-las criando diferentes expressões como: “espaços representacionais”, “realidades em si mesmas”, “massas mentais em circulação” (Moscovici, 2011b, p. 396), “forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo uma orientação prática e colaborando na construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1989, p. 36); “territórios sociais”, análogos aos territórios geográficos; “campos representacionais”, “nuvens” (Jesuino, 2014).

A partir do exposto acima, é possível começar a visualizar, de algum modo, a constituição e a maneira de se apresentar dessas *entidades reais*, que povoam o universo social em que nos vemos e dentro do qual pensamos e nos comunicamos. No que segue tentamos refletir precisamente sobre essa outra realidade, a comunicação, quase que outra face da RS.

## RELACIONANDO RS, COMUNICAÇÃO (LINGUAGEM) E PRÁTICA

Como o leitor logo verá, essa segunda parte não difere essencialmente da primeira. A preocupação aqui é especificamente aprofundar a relação entre RS, comunicação e práticas.

Retomo o primeiro parágrafo do livro *Psicanálise, sua imagem e seu público* já mencionado acima, onde ele escreve: “As RS são entidades quase tangíveis: circulam, se cruzam e se cristalizam, continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano” (2012, p.39). Interessante notar, desde o início, a importância que é dada à *comunicação*: fala, gesto. Ele continua: “A maioria das relações sociais efetuadas, objetos produzidos e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas (RS)”. Novamente se fala em comunicações trocadas e relações sociais realizadas que fazem parte das RS. E é sintomático o termo empregado: *impregnadas*. A sugestão é de que já formam uma mesma realidade. E o autor conclui o parágrafo: “Correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração, e, por outro lado, à *prática* que produz tal substância” (Idem – ênfases minhas). E faz uma comparação com a ciência e os mitos: a ciência corresponde a uma prática científica e os mitos, a uma prática mítica. Importante resgatar aqui a palavra prática que produz a substância (simbólica), mas sempre substância.

Gostaria de convidar o leitor a refletir, por um momento, e fazer a pergunta: o que são *realmente* comunicação e linguagem? Quando eu falo *realmente* é que quero me referir à

dimensão ontológica dessas ‘palavras’. Os comentários que vou fazer aqui podem facilmente ser supostos, mesmo que eles não possam ser encontrados *literalmente* nos escritos de Moscovici.

Temos de começar distinguindo entre dois níveis, ou dimensões, quando se fala de comunicação: o primeiro diz respeito às *formas* de comunicação, como quando Moscovici fala sobre as formas empregadas pelos três grupos que ele analisou em seu livro *A Psicanálise: a difusão, propagação e propaganda*. Essas são formas. Mas podemos identificar outro nível de entendimento da comunicação: é a dimensão ontológica da comunicação. As instâncias em que comunicação é discutida em sua dimensão ontológica, o termo é entendido como linguagem, fala. Vou tentar elaborar esse ponto.

Os relativamente recentes estudos desenvolvidos a partir das discussões sobre o que se costumou chamar de *virada lingüística* nos ajudam a tornar mais claras as sutis, mas extremamente importantes, implicações subjacentes ao termo ‘comunicação’ e ‘ação comunicativa’. Muitos estudiosos se interessaram por esse fenômeno. Entre outros estão os linguistas Austin, Searle e Wittgenstein; mais recentemente, Habermas, Karl-Otto Apel e mesmo Paulo Freire. Alguns o investigaram de maneira explícita; outros, como Freire, implicitamente; todos, contudo, do meu ponto de vista, com contribuições importantes.

Um primeiro ponto a que se deve prestar atenção é que ao nos referimos à prática comunicativa, ao ato de falar, devemos dar-se conta de que esse ato comunicativo possui diferentes dimensões. Uma primeira é seu nível *locutório*, aquilo que estou querendo dizer com minha fala, como quando digo: está chovendo. Uma segunda é seu nível *perlocutório*, isto é, quando pretendo realizar algo, fazer com que algo aconteça com minha fala, como quando digo: por favor, dê-me um copo de água.

Finalmente – e é essa dimensão que nos interessa aqui – há, em toda ação comunicativa, um nível que se chama de *ilocutório*, que é o que eu já estou comunicando – realizando – com o próprio ato de falar; isto é, o que está implícito, pressuposto, no ato da fala. Com outras palavras: *a própria maneira de falar, a relação pressuposta no ato de comunicar, ambas já contém em si um conteúdo*. Nesse sentido, o ato comunicativo é, em si mesmo, uma mensagem, um conteúdo que vai além do sentido estrito dos significados dos termos que estou empregando ao falar.

Os teóricos construtivistas falam do ato performativo, mas não falam da dimensão *ilocutória* do ato. Essa distinção é importante e crucial para se compreender a diferença entre os pressupostos da teoria das RS, por um lado, e os pressupostos cognitivos, ou construcionistas



(construtivistas), por outro lado. É central enfatizar essa dimensão ilocutória da linguagem e, enquanto consigo ver, essa é a dimensão que Moscovici tem em mente ao discutir comunicação e representações sociais.

Em seu trabalho de 1984, *O Fenômeno das Representações Sociais*, Moscovici escreve que as RS devem ser vistas como uma maneira específica de *compreender* e *comunicar* o que nós já sabemos. Ele afirma (2003, p. 46-47): “A própria linguagem, quando carrega representações, está localizada a meio caminho entre o que é chamado a linguagem da observação e a linguagem da lógica; a primeira, expressando puros fatos – se tais coisas existirem – e a segunda, símbolos abstratos. Esse é, certamente, um dos mais marcantes fenômenos de nosso tempo – *a união da linguagem e da representação*”.

A linguagem, excluída da esfera da realidade material, quando foi transformada numa espécie de ferramenta matemática, re-emerge na esfera da realidade histórica e convencional; e, continua ele (2003, p. 47), “se ela perdeu sua relação com a teoria, ela conserva sua relação com a representação, que é tudo o que sobrou. O estudo da linguagem é cada vez mais a preocupação da psicologia social. Ela está simplesmente ligada à mudança (...) que a liga tão exclusivamente ao nosso método normal, cotidiano de compreender e de intercambiar nossas maneiras de ver as coisas”. Esta é a linguagem como ilocução, isto é, o que ela comunica no próprio modo de dizer as coisas.

A relação entre RS e comunicação transparece quando Moscovici (2003, p. 48) diz que “as RS que me interessam... são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente, para se tornarem tradições imutáveis”. Com outras palavras, há uma necessidade contínua de re-formar o “sentido comum”, isto é, a maneira de compreender, que forma o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. Ele acrescenta (2000, p.32): “Do mesmo modo, nossas coletividades não podem funcionar hoje se não forem criadas representações sociais que não estejam fundamentadas no estoque de teorias e ideologias que elas transformam em realidades partilhadas, com relação às interações entre as pessoas que, desse modo, se constituem em uma categoria de fenômenos à parte” (idem, p. 32). Essa “categoria à parte” de fenômenos é a representação social.

A discussão sobre a ontologia das RS poderá tirar proveito, penso eu, especialmente na tentativa de relacioná-las com linguagem, quando uma analogia é traçada com a relação

tradicional entre mente e corpo. A compreensão do que estamos tentando dizer sobre RS é uma tentativa de superar essa dicotomia que remonta a Descartes. O que se procura é mostrar a relação intrínseca entre linguagem (idéias, palavras) e a realidade (corpo carne). Examinando as reflexões de muitos autores que discutem a *realidade* das RS, encontramos expressões como essas: “a característica específica dessas representações é precisamente que elas ‘corporificam ideais’ em experiências e interações coletivas em comportamento” (Moscovici, 2000, p.32); ou essa outra expressão, encontrada em muitos de seus livros: “O escritor bíblico já estava consciente disso quando ele afirmava que a Palavra se fez carne; e o Marxismo o confirma quando afirma que ideias, uma vez disseminadas entre as massas, são, e se comportam como forças materiais” (2003, p.48). Essas forças materiais são as representações sociais.

Nessa mesma linha de ideais, incluindo o emprego da mesma expressão bíblica – “*Palavra feita carne*” – caminham as reflexões de Paulo Freire (1992). Ele emprega o termo “*Palavração*” (p.20) ao discutir a inseparabilidade entre teoria e prática na tarefa educacional. O que interessa é a dimensão “ilocutória” do ensinar. Dentre seus trinta livros, treze trazem no título a palavra “pedagogia”, significando que o “conteúdo” central do ensinar é a prática, as “interações no comportamento”, como diz Moscovici: as RS agem como “corporificação de ideias”, como práticas ou fenômenos que constituem “quase que uma realidade tangível”, originada *na* e *através* da comunicação, a ilocução.

Alguns autores, como De Rosa (2006, p.186), ao analisar os pressupostos do sócio-construcionismo faz menção que eles podem ser sintetizados com a expressão bíblica “*no princípio era a Palavra*”. Mas é uma segunda expressão bíblica, “*A Palavra feita carne*” que nos pode ajudar a compreender o que sejam as RS, uma relação intrínseca entre linguagem e realidade. Podemos ver aqui a diferença entre RS e os enfoques sócio-construcionistas.

É esse o momento de introduzir alguns comentários sobre o livro “*Psicologia das Minorias Ativas*” (Moscovici, 2011a) – publicado primeiramente em inglês em 1976, com o título *Influência Social e Mudança social* -, relacionando os achados descritos nesse livro com a discussão que estamos aqui desenvolvendo, *enfrentando os desafios* apresentados na análise das RS como linguagem. Ao menos dois pontos podem ser levantados aqui.

O primeiro refere-se à compreensão das RS como ação, como *prática*. Já sabemos que o autor escreveu esse livro primeiramente em inglês, pois, queria trazer as discussões para o mundo de fala inglesa, os Estados Unidos. O livro é dividido em duas partes principais: a

primeira faz uma análise crítica do funcionalismo, teoria que, como ele mostra, está subjacente ao referencial teórico e às pesquisas conduzidas pela psicologia social dos Estados Unidos. Os pressupostos do funcionalismo são os de que o mundo é um sistema fechado, que caminha inexoravelmente para o equilíbrio, pois há forças e leis determinantes por detrás dos fenômenos; não somente o mundo, mas também as sociedades e os grupos humanos se regem por tais leis.

Fica evidente que com tais pressupostos qualquer mudança fica impossibilitada. Os gestos e os movimentos de discordância, de não conformidade com as regras e normas de uma instituição ou grupo são, conseqüentemente, vistos e considerados como rebeldia, desvio de comportamento e agressão, que devem ser rejeitados e castigados.

Moscovici (2011a) parte das próprias pesquisas desses autores sobre conformidade e mostra que elas podem ser vistas de outro modo: como inovação e desejo de transformação e mudança. A realidade não é algo determinado, mas algo em construção e o conflito faz parte da realidade social.

Na segunda parte do livro, mostra como é necessária, e possível, outra teoria, a teoria da inovação, do ponto de vista genético, que possibilita a mudança. E é aqui que se podem ver as RS como prática, e uma prática que leva à mudança. Vejamos como se pode justificar esse entendimento através da análise desse processo.

A partir também de investigações por ele conduzidas, Moscovici (2011a) mostra que o que faz mudar não são reflexões e conceitos teóricos, mas uma *prática*. E que seria essa prática? Ela é uma *apresentação*, que é uma *representação* das pessoas. Uma prática que é um comportamento, uma ação, que ele denomina de *um estilo de comportamento*. O estilo é um jeito, um método, uma maneira, isto é, uma *prática*.

E quais os estilos que o autor vai descobrir, a partir de suas investigações? Ele aponta para três principais:

a) A autonomia, ou a consciência da própria identidade, isto é, a consciência de quem se é e do que se quer. Uma “independência de juízo e de atitude que reflete a determinação de agir segundo os próprios princípios” (Moscovici, 2011a, p.120).

b) A coerência e consistência no agir. Esse parece ser o mais central dentre os estilos de comportamento. Só é possível verificá-lo através do tempo e na comparação entre *o que se diz* com *o que se faz*.

c) A justiça, equidade, que implica fundamentalmente “a preocupação de levar em conta a postura do outro” (Moscovici, 2011a, p.148), uma ética da alteridade.

É importante, e possível, ir um pouco mais a fundo e *problematizar* essa realidade que chamamos de *prática*. Os pensadores das RS são quase unânimes em dizer que as RS são *práticas*. E essas práticas são ações, são *estilos*. Como expresso por Moscovici (2001, p. 21) “até certo ponto, a representação que ‘está em lugar de’ pode também ‘agir para’, ou ‘agir em favor de’, ‘em lugar de’ aqueles ou aquilo que ele representa. O que elas fazem não se pode comparar com o que elas são”. Essas ações-práticas são *estilos*, não apenas para se comunicar, mas também estilos para agir, atuar; estilos para se *representar*. Para que haja uma mudança, e essa é a intuição de Moscovici, não é necessário pegar em armas. Basta a *apresentação/representação* de um novo estilo, uma nova prática, para que uma nova representação seja criada. No último capítulo do livro “Psicologia das Minorias Ativas”, Moscovici (2011a) faz uma análise detalhada do papel exercido por Solzhenitsin, *A dissidência de um só*, em que ele mostra que o estilo, a prática de um dissidente, materializada através de sua coerência, identidade e ética foi tornando evidente uma nova *atmosfera social*, já tacitamente sentida por muitos, mas que não tinham coragem suficiente para se *apresentar*; e foi tal *prática* que possibilitou uma *inovação*, a mudança de toda uma nação.

Peço permissão para um breve comentário sobre os *novos meios sociais*. Não há dúvida de que vivemos numa nova atmosfera em que prolifera um grande número de maneiras diversas de comunicar, denominados em geral como os *novos meios sociais*, que ajudam a criar um novo ambiente. Assim como para todos os outros meios, contudo, a questão que deve ser levada em consideração, nesse contexto, é perguntar sobre qual a *dimensão ilocutória* desses novos meios.

Confrontados com uma comunicação instantânea acessível a muitos, feita oralmente, por escrito, por imagens, por estratégias subliminares, etc., devemos identificar qual sua prática implícita, as relações que elas corporificam. Qual seu estilo? São esses meios autoritários, verticais, de mão-única, conclusivos, implicando uma posição absolutista ou, em vez disso, apresentam-se eles como abertos à discussão, mais fazendo perguntas do que dando respostas absolutas?

Concluindo: O que procurei mostrar com esses comentários que existem certamente muitos desafios que devem ser enfrentados quando lidamos com RS. E alguns têm a ver com a *ontologia* das próprias representações. Nas páginas acima tentei discutir alguns deles. Creio ter

conseguido ao menos identificá-los. Os questionamentos foram dirigidos primeiramente à *ontologia* das RS: o que significa dizer que as RS são um fenômeno, um ambiente social e cultural?

E em segundo lugar, perguntou-se: qual a relação das RS com as diferentes práticas, tanto comunicativas como comportamentais, que podem apresentar oportunidades para inovação e mudança?

As RS não podem ser reduzidas a um conceito; elas são fenômenos, elas são ambientes sociais e culturais. Elas não podem também ser reduzidas a puras palavras, sons ociosos e vazios; elas são realidades concretas, elas são práticas, são “palavrações”.

## REFERÊNCIAS:

- de Rosa, A.S. (2001) “The ‘boomerang’ effect of radicalism in Discursive Psychology: A critical overview of the controversy with the Social Representations Theory”. *Journal for the Theory of Social Behavior* 36>2, 2006, p. 161.
- Freire, P. (1992). “Palavração”. *Mundo Jovem*, 27 (8), PUCRS, Porto Alegre, p. 20.
- Jesuíno, J. C. (2014). Introdução. In: Jesuíno, J. C.; Felismina R. P.; Mendes e Lopes, M. J. (Orgs.). (2014). *As Representações Sociais em Sociedades em Mudança*. (no prelo). Petrópolis: Vozes.
- Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. In: Jodelet, D. (Ed.). *Les représentations sociales* (pp. 31-61). Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1972). Theory and society in social psychology. In: Israel J.; Tajfel, H. (Eds.). *The Context of Social Psychology: A Critical Assessment*. London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In: Farr, R.; Moscovici, S. (Eds.) *Social Representations* (pp. 3 - 69). Cambridge: Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (2000) *Social Representations – Investigations in Social Psychology*. Cambridge: Polity Press.
- Moscovici, S. (2001) Why a theory of Social Representations. In: K. Deaux, G. Philogène (Eds.) *Representation of the Social: Bridging Theoretical Perspectives*. Nova Iorque: Blackwell: 8-35.
- Papers on Social Representations, 26 (1), 3.1-3.14 (2017) [<http://www.psych.lse.ac.uk/psr/>] 3.13

Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Moscovici, S. (2011a). *Psicologia das Minorias Ativas*. Petrópolis: Vozes.

Moscovici, S. (2011b). *A Invenção da Sociedade*. Petrópolis: Vozes.

Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu publico*. Petrópolis: Vozes.

**PEDRINHO GUARESCHI** possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição, em Teologia pelo Instituto Redentorista de Estudos Superiores de São Paulo e em Letras pela Universidade de Passo Fundo, pós-graduação *lato sensu* em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestrado em Psicologia Social pela *Marquette University Milwaukee*, doutorado em Psicologia Social pela Universidade de *Wisconsin* em *Madison*, pós-doutorado no Departamento de Ciências Sociais na Universidade de *Wisconsin* e pós-doutorado no Departamento de Ciências Sociais na Universidade de *Cambridge*. Atualmente é professor convidado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (E-mail: [pedrinho.guareschi@ufrgs.br](mailto:pedrinho.guareschi@ufrgs.br))